

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Tarde e O Estado de S. Paulo Class.: Garaão/PA 1p

Data: 30/07/69

Pg.: 13

AGORA, O PROBLEMA: OS
COLONOS NÃO TÊM PARA
ONDE IR. NEM SABEM
SE RECUPERAM SUAS COISAS

ÊLES PERDERAM TUDO PARA OS GAVIÕES



Ao fugir, abandonaram roça, casa, mobília.
Difícilmente os índios deixarão que voltem.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Trabalho e O Estado de S. Paulo Class.: 10

Data: 30/07/69 Pg.: 13 (cont.)



As dezenas, os colonos chegam ao posto do DER, acima. Daqui, não sabem para onde ir.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Tarde e O Estado de S. Paulo Class.: 10
 Data: 30/07/69 Pg.: 13 (cont.)

“Devemos dar-lhes
 o que estejam
 dispostos a receber”

Em Brasília, 50 missionários — católicos e protestantes — ouviram onfem o professor Roque Laraya, no I Simpósio Indigenista FUNAI — Missões Religiosas. O professor disse: “Para um trabalho eficiente de aculturação, devem ser abandonadas, de vez, tôdas as atitudes que concebem o índio como um ser primitivo, dotado de características biológicas, psíquicas e culturais indesejáveis, que cumpre mudar. Devemos aceitá-los como povos diferentes, que devem continuar sua marcha ao lado da nossa, até que possamos tomar juntos a mesma caminhada”. O professor Laraya, antropologista e membro do Museu Nacional do Índio, acha que devemos transmitir aos índios “os traços culturais que estejam dispostos a receber; e que recebamos dêles o que nos possam transmitir”. Citou o exemplo de um fazendeiro paraense, que achava que os índios não podem nos ensinar nada. — “Mas só dormia em rede de origem tupi, não dispensava farinha de mandioca nas refeições e não se cansava de elogiar a culinária paraense, principalmente o pato no tucupi (herança indígena)”. “Como antropólogo” — disse o professor — “concordo com Levy-Strauss: cada gênero de vida constitui uma experiência tôda-realizada e preparada por uma história milenar; e é, nesse sentido, insubstituível. Quando o povo em que se pode segui-la tenha desaparecido, uma porta se fechará para sempre, interditando o acesso a conhecimentos impossíveis de adquirir por outros meios”.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Tarde e O Estado de S. Paulo Class.: 10
 Data: 30/07/69 Pg.: 13 (cont.)

Os gaviões pertencem ao grupo dos patejés, da família dos jês (ou tapulas). São índios cansados de tanto fugir dos brancos — diz José Maia, delegado da Fundação Nacional do Índio em Belém. Há cerca de 80 anos, dominavam toda a região do rio Tocantins, perto da atual cidade de Baião, a 200 quilômetros de Belém. E foi nessa época que o grupo hoje em guerra, fugiu pela primeira vez. Mas não fugiu dos brancos.

Normalmente, uma tribo tende a dividir-se, quando cresce. Não que seja regra, mas é que sempre surgem rivalidades entre as várias linhagens ou pequenos grupos que levam a tribo quase a uma guerra interna. Segundo calculam os indianistas, o grupo que agora atacou as roças perto da rodovia Marabá-Belém, separou-se do grupo principal por causa de alguma competição esportiva. Segundo os hábitos dos gaviões, deve ter sido uma competição que incluía corrida de toras e outras provas. O atual grupo perdeu, e começou a divisão da tribo.

Como formavam um grupo pequeno, tiveram de fugir. E saíram para o Sul, até perto da cidade de Marabá, entre Maranhão e Pará, mas sempre próximos do Tocantins. Durante anos, foram perseguidos pelo grupo maior, até que conseguiram refugiar-se na região do Tucuruí, às margens do grande rio.

Há sete anos, então, chegaram os brancos. Começaram a construir a Belém-Brasília. Eles tiveram de fugir de novo. Tiveram de procurar outro lugar para ficar, e rapidamente, porque rapidamente os colonos ocupavam terras, graças à rodovia. Atualmente, já há brancos até 80 ou 100 quilômetros para cada lado. Os gaviões se mudaram para a região onde estão agora. Os problemas não acabaram. Uma companhia — CIDA: Cia. Industrial da Amazônia — rasgou estradas e começou a cortar madeira onde os gaviões se haviam fixado pela terceira vez.

Houve choques desta vez. E duas versões: uma diz que os índios tomaram um trator dos trabalhadores, que fugiram; outra, que os trabalhadores mataram índios, e os índios mataram trabalhadores.

No ano passado, em outubro, Costa e Silva assinou o Decreto 65.515, dando aos gaviões as terras da margem esquerda da PA-70 (Belém-Marabá). Mas grileiros continuaram vendendo as terras para colonos que vinham do Sul da Bahia e do Espírito Santo. Há acusações contra os supostos grileiros Jackson Mendonça, Moisés Bentes, João Ruas, Alberto Cachimbão e João Ferreira. Um colono chamado Pedro Alves dos Santos é "proprietário" de 110 quilômetros quadrados de terras dos gaviões — compradas depois do Decreto 65.515. Agora, o grande problema é saber onde vão ficar as famílias que perderam dinheiro e terras.

Na FUNAI dizem que o problema é do governo paraense. Assessores do governo dizem que o problema é da FUNAI ou do DER. O DER diz que "não tem nada a ver com isso". E ninguém sabe dizer qual a solução. Alguns falam que o caso é da Polícia, mas como encontrar os grileiros? E, se forem encontrados, devolverão o dinheiro aos roceiros?

De quem a culpa

Artur Caçador — dono do roçado onde os gaviões mataram três colonos — saiu do Espírito Santo com 9 mil cruzeiros novos. No Pará, comprou terras e plantou milho e mandioca. Cortou árvores, construiu casas. Agora, com mulher e dois filhos, está no acampamento do km 86 do DER. Não pode ficar muito tempo ali. Por que Artur comprou terra dos índios?

— Que adianta a gente ir na Secretaria da Agricultura ou órgão do governo? Lá informam que a terra não tem dono. Você vai, cerca, trabalha, ela é sua. Não tem ninguém para dizer: "essa terra pode, essa não". Paguei 9 milhões, a um possessor. Agora perdi tudo.

Como Artur, muitos outros colonos fugiram, com suas famílias. Também perderam dinheiro, também não sabem para onde ir.

O agente Petra, da Polícia Federal de Belém, continua afirmando que a culpa dos incidentes é dos colonos, que invadem as terras. Mas também acha impossível policiar os grileiros.

A imprensa de Belém só tomou conhecimento real do problema ontem. Dá o mesmo tratamento de Petra ao assunto: diz que são os índios que se revoltam contra a invasão de terras suas. Alguns dos fazendeiros mais ricos da região dizem que não há problema nenhum, pois "é fácil encontrar terra vazia no Estado do Pará". Mesmo assim, dizem os roceiros, já perderam o que aplicaram.

— Não há um órgão oficial que cuide disso — é a maior reclamação dos homens que perderam suas roças.

Um deles, Manuel Gomes Moreno, comprou 600 alqueires de um tal Jé Galvão, por 15 mil cruzeiros novos. Sua área foi desocupada pela Polícia Militar do Pará, após os incidentes.

Hoje, os roceiros refugiados no km 86 da PA-70 começam a ser transferidos para outros dois acampamentos do DER. Depois disso, não sabem mais o que vão fazer.

O sertanista Cotrim ainda não voltou: está tentando chegar aos guerreiros gaviões nas matas pelo lado do Maranhão, para propor um acordo. Junto com ele, estão Lisboa (também da FUNAI) e quatro índios pacificados. Cotrim vai pedir aos gaviões que deixem os roceiros voltar a seus lugares, pelo menos para retirar suas coisas. A FUNAI diz que só Cotrim pode chegar a eles, mas acha impossível que permitam a volta dos brancos. No máximo deixarão que retirem seus bens.

Lisboa, o outro sertanista que foi junto com Cotrim, trabalha na FUNAI há 12 anos. Para falar com os índios, enfrentarão um problema: eles já tinham pedido que não voltassem a procurá-los, pois não os consideravam mais amigos.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Saúde e Estado Class.: 10

Data: 20/07/69 de S. Paulo Pg.: 13 (cont.)



O texto é de Waldo Paoliello. As fotos, de José Pinto, nossos enviados especiais.